



CMUHE020644

FARJALLAT, Célia Siqueira. A nossa maravilhosa Catedral (II).  
Correio Popular, Campinas, 08 set., 1974. (Nossa terra e  
 nossa gente)

Nossa terra e nossa gente

# A nossa maravilhosa Catedral

— II —  
 C. S. F.

8.9.74

Já vimos em artigo anterior, publicado no domingo passado, os primeiros passos para a construção da Catedral de nossa cidade, justo orgulho dos campineiros.

Hoje analisaremos a segunda fase, iniciada em 1848, quando a Câmara Municipal nomeou o dr. Antônio Joaquim de Sampaio Peixoto administrador das obras. O primeiro cuidado deste ilustre bacharel foi abrir uma subscrição entre os homens ricos do lugar, os quais com "patriotismo e beneficência" atenderam ao apelo.

A esta altura da história surge a figura curiosa de Antônio Francisco Guimarães, o Bahia, cidadão português, que aqui residia desde 1819, e que fizera vir da Província uma turma de entalhadores para ornamentação interna da Matriz. Interessante é lembrar-se a receita de 1851: oito contos quatrocentos e vinte e dois mil cento e quarenta e oito mil reis...

Foi também quando a participação de Vitoriano dos Anjos é lembrada. Este artista, era baiano, e quando aqui chegou em 1853 formou um corpo de aprendizes muito hábeis. Vitoriano dos Anjos deu o melhor de seu talento à nossa Catedral, burilando em madeira de lei os maravilhosos labores dos púlpitos, as varandas para o coro, as colunas da Capela do Santíssimo e a rara suntuosidade do altar-mor.

Em "Peregrinações" deixou Emílio Zaluar, que visitou Campinas em 1862, suas impressões consignadas na Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes (31 de dezembro de 1915). Eis um fragmento de suas impressões: "O cedro que campeava outrora gigante no santuário das florestas, transformado agora pelas mãos do gênio em maravilhas de arte, adorna o santuário do Deus vivo. Tenho visto poucos trabalhos tão peregrinos executados em madeira. É um poema de flores, arrendados, colonatas, arabescos, grinaldas, florões, enlaçados com profusão e simetria, beleza e unidade, traduzindo as idéias de uma alma de poeta, sob as formas mais puras, graciosas e sublimes que se podem reproduzir pelo cinzel do escultor".

Vitoriano dos Anjos, como muitos artistas, morreu velho e em extrema miséria. Seu registra de falecimento diz: "Vitoriano dos Anjos — Aos 30 de julho de 1871, no cemitério desta Matriz, sepultou-se o cadáver de Vitoriano dos Anjos, idade 106, viuvo, natural da Bahia. Foi recomendado. E, para constar, mandei fazer este assento, que assino".

Em julho de 1862, tendo Vitoriano dos Anjos deixado o serviço, substituiu-o como administrador o Sampaio — Antônio Carlos de Sampaio Peixoto, o qual organizou um corpo de entalhadores chefiados pelo artista fluminense Bernardino de Sena Reis e Almeida. Estes novos artífices fizeram os dois altares dos cantos da nave, os laterais e as capelas. Faltava agora a fachada, cuja planta sofreu modificações.

Após muitos estudos por profissionais do Rio de Janeiro e com a assistência do dr. Charles Romieu, resolveu-se fosse erguida uma só torre "sobranceira" a uma ordem de pilastras sobre o frontispício, e em cujo centro devia campear imponente e majestosa". Foi ao proceder-se à excavação para os alicerces que houve o desmoronamento fatal, sepultando cinco pessoas (11-1-1866), inclusive um escolar de doze anos que fora espiar as obras.

Várias pessoas ficaram feridas, e entre elas, dois escravos do Marquês de Três Rios. Dali por diante, as obras decorreram com interrupções frequentes e muita lentidão.

O ano de 1874, foi marcado por incidentes entre a Câmara e os empreiteiros, devido à demolição de parte da fachada, tida por insegura, devido à umidade do terreno. Resolvido a pendência, e com novo contrato, efetuou-se o levantamento da fachada com a torre assíria, que corôa o templo, cuja base se constituiu de enormes blocos de cantaria.

Em 1880, o dr. Ramos de Azevedo começou a trabalhar na obra, e nos dois anos seguintes, os trabalhos prosseguiram sem descanso. Já terminara parte do estuque e ornamentação da grande nave; assentaram-se os tubos de gás para iluminação, e se levantara a Capela Mor. Afinal, em 1883, as grandiosas obras estavam concluídas. A construção levava de 1807 até aquela data, comprovando o conhecido provérbio de que "as catedrais não se fazem em anos, mas em séculos".

A data da inauguração, 8 de dezembro de 1883, dia consagrado à Imaculada Conceição, há de ficar para sempre nos anais da cidade. Naquele dia, visitantes ilustres chegaram de toda a parte. As festividades foram imponentíssimas. Música, solos de Sant'Ana Gomes, coros de vozes escolhidas, estando presente a grande cantora Maria Monteiro; Te Deum e benção, sem contar os inflamados sermões. Foguetório não houve, devido ao mau tempo. Mas eram deslumbrantes os coretos com bandas de músicas, os 16 arcos de iluminação, sendo 8 deles a gás, folhagens, bambus e flamulas. As orquestras eram regidas pelos Maestros Elias Lobo, Sant'Ana Gomes e Gomes de Carvalho. Cem soldados formaram garbosa Guarda de honra, comandada pelo Capitão Espírito Santo.

A Catedral precisou ser reformada cerca de 40 anos mais tarde, para reparos de estragos e complemento dos planos primitivos. Em 1917 D. Joaquim Mamede, Bispo Auxiliar, providenciou reformas, nomeando uma comissão presidida pelo Coronel Manoel de Moraes. Cerca de 40 contos de reis foram arrecadados, quantia respeitável para a época.

Mas foi D. Francisco de Campos Barreto, 2.º Bispo de Campinas, o maior responsável pela restauração do grandioso templo. Reformas de vulto foram então realizadas, abrangendo a fachada posterior, construção de novo zimbório, onde foi posta imagem de Nossa Senhora das Graças; substituição de todo o telhado, por outro de tipo francês. Quatro Anjos, restando o Juiz Final foram colocados dos lados da torre. Da fachada foram retiradas as gambiarras de iluminação a gás, e postos medalhões de diferentes datas, rememorando o início da construção, a proclamação do Dogma da Imaculada Conceição, a inauguração da Matriz Nova e das obras mais recentes.

Um fato interessante: embora o orçamento fosse superior a 300 contos de reis, e os recursos não atingissem a um quinto desta importância, as obras foram realizadas com presteza e competência.

A construção da Catedral quando a Vila contava apenas 4 mil habitantes é uma lição de esperança e de fé. Nossos antepassados confiavam na prosperidade da região, no valor de seus homens, e tinham fé que removia montanhas.

Na verdade, a Matriz de Nossa Senhora Conceição, Catedral de Campinas, é um dos mais grandiosos templos de todo o Brasil. Há muito a se mencionar: o maravilhoso trabalho de Vitoriano dos Anjos, as lindíssimas Capelas laterais, as colonatas e capiteis, as molduras de primorosa perfeição; os preciosos vitrais, o órgão e as sacras alfaías, os ecos das grandiosas cerimônias ali realizadas, um mundo de histórias que ficam para qualquer dia destes.